fenomenologia do design

um mergulho no vir a ser da forma

{ 20 vagas }

Data: 17 a 21 de outubro de 2018
Local: Fazenda Serrinha, Bragança Paulista
(a 90 km de São Paulo - SP)

{o vir a ser de um curso}

Olhares atentos às curvas, texturas, relações entre um material e outro, o frescor que chegava até a pele, a luz que entrava pelas pequenas aberturas - uma de cada lado. “Precisaremos de bambus” um dos índios exclamou, contava Marcelo. “Servem estes aqui?” respondeu ele apontando para uma parte do terreno na Fazenda Serrinha que esbanjava o tal material. Enquanto ele relembrava as interações conversacionais e físicas que antecederam a forma onde agora os cinco estávamos sentados, outra lógica de criação nos tomava. A oca indígena construída sem máquinas, a muitas mãos e muitos pequenos próximos passos revelava um caminho de criação praticamente esquecido pelas discussões contemporâneas de design – das mais tradicionais às mais alternativas: aquele em que criar é participar do fluxo dos materiais em um movimento contínuo, generativo que é ao mesmo tempo itinerante, improvisatório e rítmico.

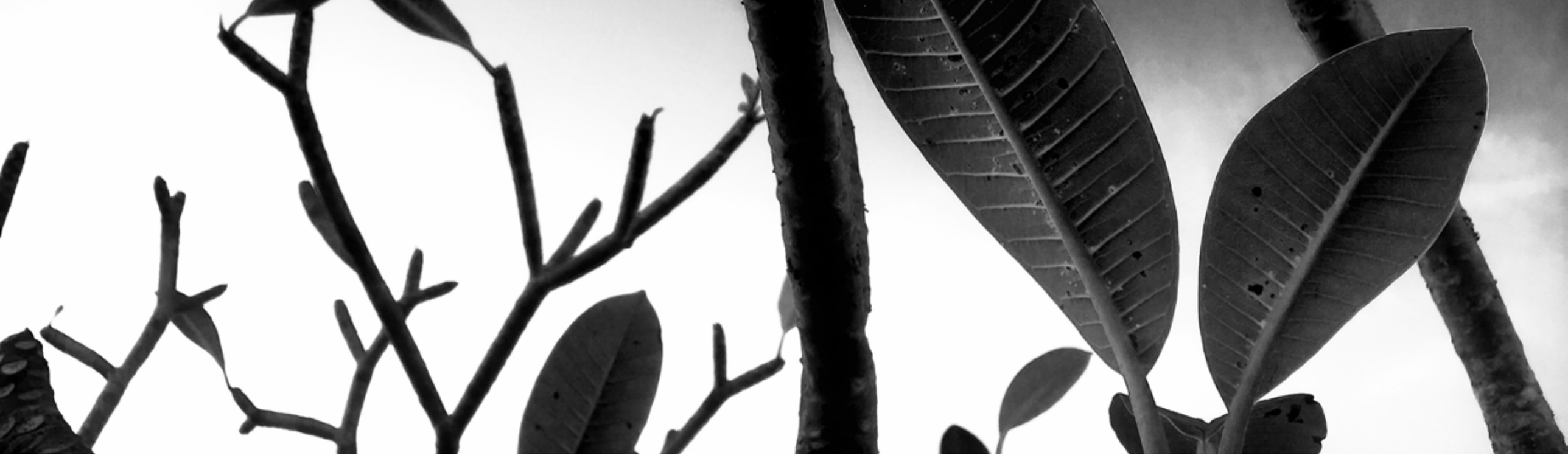
Em nossa sociedade contemporânea temos escassas oportunidades de experiências com esse contato profundo com o tempo e a qualidade dos processos formativos. Nossos desígnios, desejos, estão cada vez mais distantes dos ciclos naturais, fazendo com que nossas escolhas percam sua potência de transformação. Esta experiência de 5 dias é um convite para adentrar o fluxo dos materiais, em que o design é vivido como a fruição de uma relação com o mundo. Tal relação será explorada em experiências sensoriais com argila, madeira, solo, ar e água, observação de plantas e outros elementos. Esta é uma chance de participar de um espaço vivo de prática-reflexão para apoiar uns aos outros neste tipo de desenvolvimento perceptível, que é mais sutil e silencioso e por isso de certa forma anterior às ferramentas, técnicas, modelos e frameworks que estão amplamente disponíveis hoje.

“Form is the end, death.
Form-giving is life”

{ Paul Klee }

Buscar ir além da funcionalidade das formas permite que o design se sintonize com os fluxos naturais geradores das coisas, seus contextos e dinamismo. O design entendido assim volta à sua origem enquanto desígnio, intenção vital, força transformadora das matérias. Resgatar a sabedoria de artesãos, com as mãos, a escuta e todos os sentidos em busca de uma percepção aguçada, colocando as coisas no mundo de forma que elas sejam também parte dos ciclos naturais, ultrapassando a limitação da forma fixa que muitas vezes não passa, em curto prazo, de um amontoado de resíduos.

Em um Planeta com recursos finitos, é cada vez mais urgente que o ato de criar deixe de ser uma produção desenfreada de objetos que se tornam rapidamente dejetos. Precisamos reconhecer e descobrir como reacender em nós a capacidade de lidar com a natureza poética das matérias existentes, devolvendo a qualidade do tempo, da escuta e das escolhas, e evitando que sejamos soterrados pelo lixo produzido por nós mesmos.



> *O encantamento é fundamental para formar os alicerces de qualquer conhecimento"*
>
> **{ Rita Mendonça }**

Podemos habitar o planeta a partir dos fluxos e dos movimentos que o formam? Que visão é essa? O que é preciso deixar para trás para abrir espaço a tal visão? Podemos nos reencantar pelos materiais?

Goethe dizia que a natureza é um livro com todos os seus segredos abertos, e que precisamos apenas desenvolver a habilidade de observar com nossa imaginação sensorial para compreender profundamente esses fenômenos. A imaginação sensorial exata é parte do caminho de aprofundamento do conhecer um ser vivo, em que, por meio de diversas possibilidades de descrição, o observador passa a **participar do movimento** que impulsiona a vida a tomar aquela forma naquele momento. Sendo assim, ele próprio também é afetado por aquela experiência. A imaginação é estimulada, mas de modo conectado ao processo vivo - e não distanciado e autônomo como é mais usual em nossa cultura - indo além da esfera mental da experiência. Esse curso pretende abrir espaço para um reencontro entre o pensar, o sentir e o fazer, buscando um jeito de ***ser no mundo*, sendo *o próprio mundo.***

Quais são os padrões criados pela natureza e que formam todas as coisas?
De que forma esses padrões influenciam e determinam nosso jeito de ser no mundo?
Como perceber e compreender esses padrões e permitir que eles fluam por meio de nós enquanto criamos?

“Haverá um método, jeito de pensar, não que produza a beleza, mas que nasça dela?”

{ Rubem Alves }

{para quem é esse curso?}

Este curso é para todos aqueles que se sentem inquietos diante do nosso distanciamento do tempo dos processos das coisas e da conexão com o ato do fazer – sejam profissionais ou estudantes de design, educadores, artistas e todos aqueles que se sintam chamados a explorar essa relação.

{aprendizagem transformadora}

Durante este período vamos conviver e aprender do 'jeito Schumacher' na Fazenda Serrinha. Esta forma de aprender com 'mãos, mente e coração' inclui engajar-se na vida da comunidade que une todos em tarefas para ajudar a cuidar dos espaços em comum como por exemplo – limpar, cozinhar, jardinar.
As aulas ocorrem todas as manhãs e tardes, interagindo com os diferentes espaços e contextos que compõem a Fazenda. Os professores oferecerão insight e inspiração, com sessões facilitadas e com tempo para reflexão do próprio processo de aprendizado de cada um, relacionando-o a sua realidade cotidiana.

{da semente ao paladar: a investigação do ingrediente}

Parte essencial do jeito Schumacher é aprender juntos na cozinha. Durante estes dias, os participantes terão a oportunidade de colocar a mão na massa na cozinha com a chef Claudia Mattos, que convida para uma investigação do ingrediente. A aventura sensorial é uma ferramenta usada para explorar os sentidos e nesta viagem de delícias o caminho da alimentação consciente vai sendo desenhado.

{a fazenda}

A Fazenda Serrinha é um lugar em transformação, que resgata os processos da natureza e promove experiências criativas. Em harmonia com o processo de restauração da Mata Atlântica, da biodiversidade e dos processos naturais, cada intervenção humana realizada na fazenda é pensada, planejada e executada partindo da premissa de que seu resultado deve produzir o mínimo impacto sobre o ambiente ou, preferencialmente, trazer-lhe benefícios.

Tendo como inspiração esses princípios e motivado pela vocação da fazenda, muito utilizada como espaço de convivência e frequentada por artistas, nasceu, em 2002, o Festival de Arte Serrinha, evento que há mais de 15 anos propõe uma reocupação poética da paisagem por meio da arte contemporânea.

A Serrinha é, assim, um espaço em contínuo movimento de transformação a partir das interações que ali acontecem, sendo um território vivo e fértil para acolher e estimular as provocações que faremos ao longo dos cinco dias de curso.

{Escola Schumacher Brasil}

escolaschumacherbrasil.com.br

Inspirado no autor da obra Small is Beautiful – o alemão E.F. Schumacher – foi fundada em 1991 pelo indiano Satish Kumar a escola do pequeno e do belo: o Schumacher College. Situado na Inglaterra, no condado de Devon, dentre seu público internacional passou a se destacar o número de brasileiros que viajavam longas distâncias para freqüentar seus cursos curtos e de longa duração. Foi desta busca do brasileiro por transformação que essa educação que une 'mãos, mente e coração' floresceu em 2014 em terras brasileiras. Desde então passa a ser oferecido, sob o nome de Escola Schumacher Brasil, uma diversidade de atividades como cursos, encontros, programas e certificados promovendo experiências de **educação transformadora para uma vida sustentável**.

{Schumacher College}

schumachercollege.org.uk

O Schumacher College, na Inglaterra, nasceu em 1991 como um lugar de encontro e de exploração de ideias na fronteira do pensamento. Fundada pelo indiano Satish Kumar, a escola propõe um aprendizado que integra 'mãos, mente e coração', tendo se tornado um centro internacional de reflexão e prática de uma vida sustentável. Os programas oferecidos focam nas crises ecológica, social, econômica e espiritual que estamos enfrentando, e na natureza interconectada destas crises. Os programas incluem cursos de pós-graduação em Economia para a Transição, Pensamento Ecológico do Design, Ciências Holísticas e também cursos curtos e certificados. Elementos importantes da filosofia da escola incluem uma visão de mundo ecológica e interconectada, aprendizado integral, prática reflexiva e vida comunitária. Nos últimos 26 anos a escola tem recebido uma rede global de professores inspiradores como Bill McKibben, Vandana Shiva, Fritjof Capra e colaborado com organizações que compartilham visões de mundo como a Transition Network, o Sustainability Institute na África do Sul, o Centro da Felicidade Interna Bruta no Butão, e a Escola Schumacher Brasil.

{professores e equipe}

{ SAMUEL PROTETTI }

Venho me descobrindo ferreiro ao descobrir o aço, a madeira e outros elementos da natureza. Fazer ferramentas que serão usadas por gerações a partir de materiais que estão no planeta há milhares de anos é uma honra para mim. Nos últimos 15 anos estou em busca pela conexão com a “fonte”, mergulhado em um processo entre a arte, o artista e o que surge do encontro entre eles. Fiz dois cursos no Schumacher College (Ecological Facilitation e Transition Design), além de passar dois meses por lá como voluntário, e participei da 2a edição do Programa Artistas do Invisível com Alan Kaplan. Esquentar o aço, sentir a sua maciez e lhe dar forma. Ver o fogo que transforma, a bigorna que acolhe a força do braço e do martelo. Estar em contato com a madeira, seus desenhos, curvas, cheiros, texturas e seu movimento formativo é algo incrível e revelador. Desenhar, criar e lidar com as características de cada material tem me aproximado mais da natureza, me conectado com a sua força geradora e sua intenção de estar no mundo. Tenho desenvolvido vários projetos de permacultura e desenvolvimento local pelo Brasil, ministrado oficinas de design da paisagem e facilitado grupos de comunidades intencionais.

{ RITA MENDONÇA }

Sempre que viajo para lugares de extrema beleza sinto um desejo profundo de me aquietar e contemplar. Tem paisagem que me deixa muda de beleza. Ficaria horas, talvez dias, me abrindo para que o que vejo se impregne profundamente em mim. Muitas vezes me entristeço quando as pessoas ao redor não honram aquela maravilha, falam muito e só querem tirar fotografias. Já faz bastante tempo que venho buscando, de várias maneiras, servir de instrumento para ajudar as pessoas a entrar em contato com aquilo que me parece parte essencial do que somos e que com tanta facilidade deixamos de reconhecer em nós e naquilo que fazemos: o processo vital que se expressa na forma de beleza. Sou bióloga e socióloga e tenho atuado como facilitadora de processos de aprendizagem com a natureza. Sou professora na Escola Schumacher Brasil, co-fundadora e educadora do Instituto Romã de Vivências com a Natureza, coordenadora no Brasil da Sharing Nature Worldwide e atuo em diversas outras organizações voltadas para o desenvolvimento humano.

{ PETER WEBB }

Verde e azul são as cores que eu sempre gostei; mas podem ser separadas do marrom? Sempre fui mais lento do que os outros enquanto que momentos de relâmpago e inspiração criativa me tocam regularmente. A beleza, a música e os perfumes me perfuram e o caos anima minha curiosidade de dançar. Dançar com as árvores no vento. Água me alimenta profundamente, mas não faço questão de nadar. Fico horas olhando a sarjeta para perceber sinais. A terra me abraça, acalma, nutre e apoia na minha intuição a respeito do momento, e às vezes com visões do futuro; um futuro com esperança de flores. As plantas e a Natureza têm sido minhas guias. Elas me levaram a estudar Horticultura e Permacultura e cuidar de bancos de sementes na Austrália, onde nasci. Me levaram para a Inglaterra para trabalhar com cirurgia nas árvores e a estudar agricultura Biodinâmica. Lá encontrei a fenomenologia como linguagem universal e ela se tornou um meio de estudar plantas, pessoas e ambientes, inclusive o trânsito de São Paulo, cidade onde agora moro. A diversidade me estimula a trabalhar com agroflorestas, recuperação de ambientes e com eco-psicologia juntando os elementos básicos da vida. Agradeço as oportunidades de poder promover reencontros entre as pessoas e a Natureza externa e interna.

{ LÍVIA BURANI }

O invisível me fascina, me desafia e me relembra vez por outra da minha paixão pelos maravilhamentos que o olhar nos traz. Desde pequena, em longos momentos sozinha, eram as rachaduras de parede, manchas na pintura, e observações dos universos paralelos das formigas e insetos no jardim de casa que foram nutrindo esse gosto. Encontrar no visível um detalhe, uma faísca de algo que nos remete não mais à coisa vista e sim ao movimento, a força e a potência geradora daquilo. A fotografia e o desenho vieram como recurso, linguagem e ação para flagrar delicadamente o silêncio da grande conversa existente entre as coisas no mundo. A fenomenologia da percepção, uma eterna fonte de pesquisa. Quase fui astrônoma por sentir essa mesma conexão com as conversas do universo macro, mas acabei mergulhando em outros trabalhos para aprofundar isso: os museus foram os primeiros, depois a cenografia, ateliês de arte e por fim a educação – que acaba sendo quase que um reencontro dos outros três. Não sou muito do mundo das palavras, elas por muitas vezes me escapam por conta da imensidão que as imagens, formas, texturas e cores ocupam em mim. Mas me desafio a trabalhar sempre ao redor de muita gente. Atualmente sou coordenadora da Escola Schumacher Brasil e nas horinhas de descuido faço fotografias e pães.

{ WAGO FIGUEIRA }

Dos passeios introspectivos e sem rumo que eu dava por Atibaia quando criança, me vem à lembrança a fogueira improvisada na praça, a seiva das árvores que acumulava para fazer grude, acerolas, amoras, mangas, abacates e aquele gostinho doce e fresco que tinha o galhinho de mato que andava mastigando enquanto caminhava por aí. Observando, cheirando, tocando e provando quase tudo a minha volta, acabei seguindo meu caminho natural até as panelas. Resolvi viajar e me vi sozinho andarilho pela América Latina por longos anos. Foi ali que me apaixonei ainda mais pela ideia de ser cozinheiro, experimentei tudo que pude nos mercados centrais das cidades por onde passava, e acabei aprendendo e me envolvendo com os aromas, ingredientes, sabores e receitas ancestrais de cada lugar. De volta ao Brasil, o café especial roubou meu coração e me faz estar há mais de quatro anos me especializando e descobrindo grãos de todos os cantos do mundo. Na cozinha da Escola Schumacher, onde me dedico por paixão, ponho em prática os aprendizados desses últimos tempos e ressuscito aquela criança que brincava com os elementos. Gosto de panelas de ferro pesado, forno à lenha, processos rústicos, fermentações selvagens e receitas com ingredientes em sua apresentação mais genuína e integral.

{ MÁRCIA GARCIA }

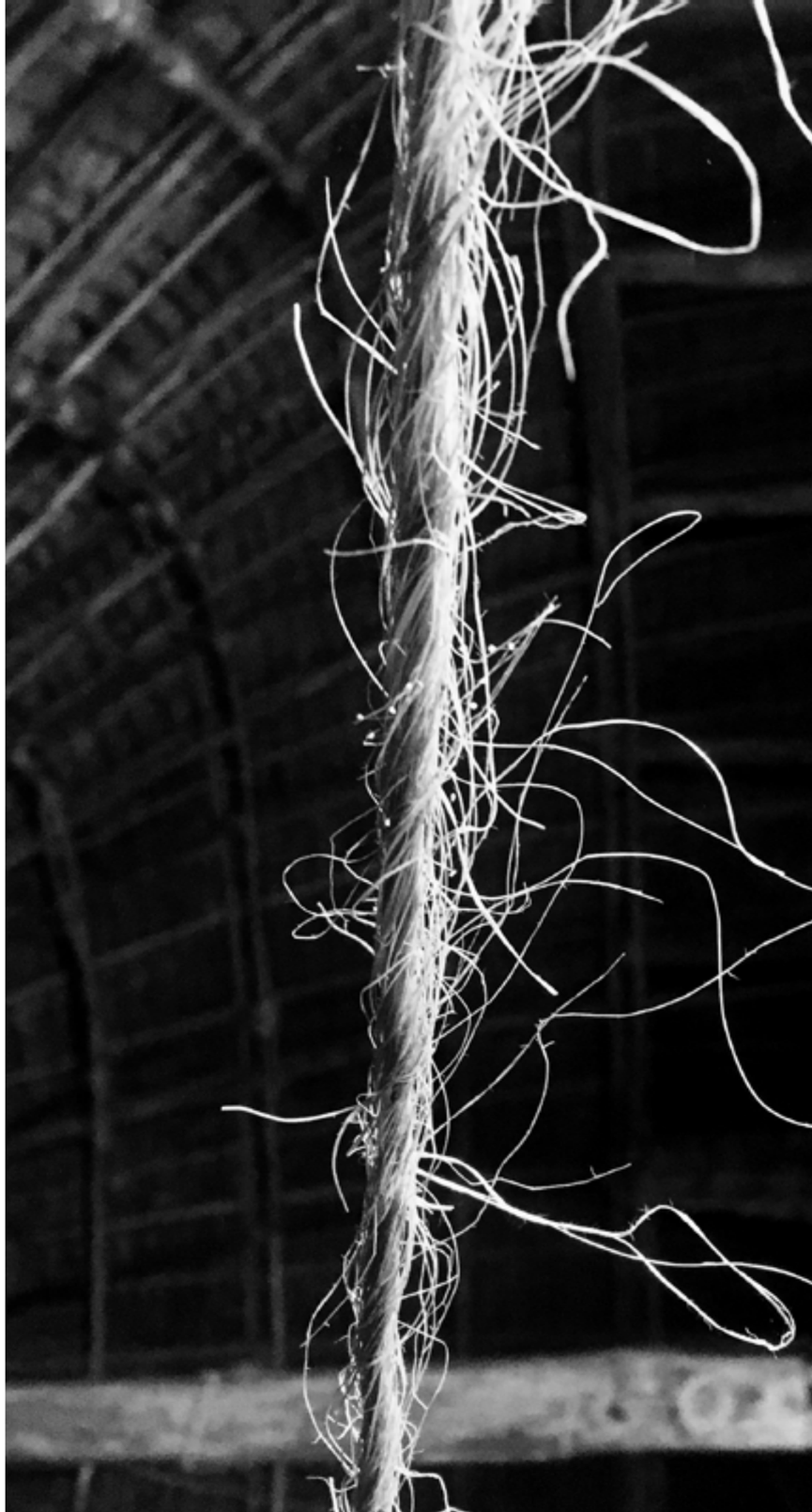
Filha e neta de homens do campo e mulheres que se sentavam em círculo, passei minha infância no interior de SP, tendo os animais como mestres, assim como os rios, as árvores, o fogo das lavouras e tudo que deles se desdobrava. A boneca de milho, após ser banhada no riacho, tinha seu sono matinal embalado pelo chocalho da cabaça, enquanto isso, o fogo era aceso sobre gravetos secos, e a panelinha de barro ensopava uma pequena porção de caruru ou cambuquira, que a vovó garantia serem bons para comer. A natureza me deu seu ritmo e assim fui guiada. Sou da terra, da água, do ar, sou fogo apaixonado pela vida simples e necessito de espaço para me mover e criar. Para não cair no esquecimento, busquei na Veterinária uma forma de proteger e estar em contato com os animais, posteriormente o Yoga, que me manteve firme nos mesmos ritmos. Dele, um feliz reencontro com a comida verdadeira - a que vem da terra, através da Agrofloresta. Dentro deste caldeirão de elementos, memórias e experiências, se cria espontaneamente um genuíno alimento que inspira pessoas e nutre a minha paixão pela cozinha.

{convidado}

{ AILTON KRENAK }

Nascido na região do Rio Doce, povo Krenak
Minas Gerais

Cantando e dançando sobre o FOGO vou seguindo o rastro de nossos ancestrais no *continuum* da tradição, aprendendo com a água e o vento a resiliência necessária para a convivência e troca com todos os SERES, tomando nesta última década a base de experiências vividas com os povos da floresta em lutas de defesa dos territórios ancestrais, orientado por cosmovisões e práticas de convivência com nossa Mãe Terra dedico atenção especial aos processos de troca de SABERES entre diferentes culturas. Textos e comunicações presenciais apoiados na oralidade, que refletem as novas perspectivas de vida para os povos indígenas, tem sido a maneira que atuo no campo da formação de novas consciências para a VIDA como uma sensível colaboração entre humanos e não humanos, visto que a TEIA da vida em nosso planeta TERRA está muito ameaçada pelo divórcio entre corpo e espírito, coração e mente.



{ INVESTIMENTO }

O Investimento para este curso é de **R$3.250,00** e inclui a alimentação, acomodação e todos os materiais utilizados no curso.

Toda a alimentação será vegetariana e com o máximo possível dos ingredientes orgânicos e produzidos localmente. A acomodação será em quarto compartilhado.

{ TRANSPORTE }

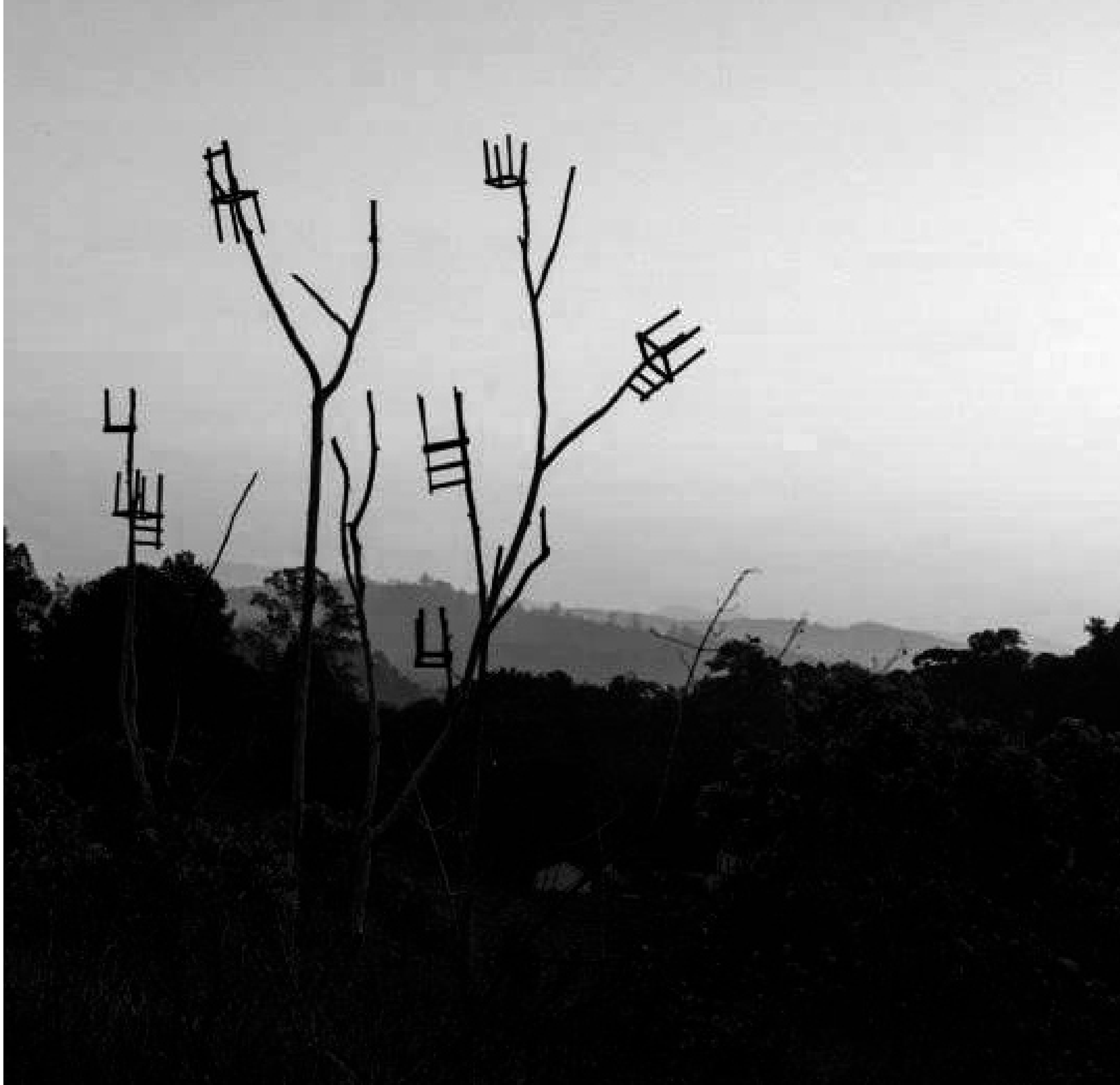
A Fazenda Serrinha fica a 90 km de São Paulo. Assim que a turma estiver confirmada iremos colocar todos os participantes em contato para que possam combinar caronas compartilhadas.

{ INSCRIÇÃO }

Os interessados deverão entrar no nosso site **escolaschumacherbrasil.com.br** e baixar o formulário de inscrição, que deve ser enviado para o email **inscricao@escolaschumacherbrasil.com.br**.

As vagas serão reservadas somente após o depósito e envio do comprovante por e-mail com o valor da taxa de inscrição de R$ 1.250,00 a ser descontado do valor total do curso. A forma de pagamento do valor restante pode ser à vista ou em duas parcelas. Caso você necessite dividir o pagamento em mais parcelas, indique na ficha de inscrição e avaliaremos juntos as possibilidades para que você não deixe de participar.

Demais informações referentes ao pagamento podem ser lidas na ficha de inscrição.



ESCOLA
SCHUMACHER
BRASIL

fazenda serrinha

Fotografia:
Jackson Romanelli (pág. 17)
Lívia Burani (pág. 1-4, 6-11, 18)
Marcelo Delduque (pág. 12,19, 20)
Renato Ker (pág. 5)